

Ano XX n° 5177 – 02 outubro de 2015

AGORA É GREVE!



Ontem (01/10), atendendo ao chamado do Comando Nacional, o SindBancários Petrópolis realizou assembleia para deliberar sobre **a proposta ridícula que os banqueiros apresentaram aos trabalhadores (perda salarial de mais de 4% e o retorno estratégico do famigerado abono)**, na última rodada de negociação, ocorrida no dia 25 de setembro. A decisão dos presentes por maioria foi **deflagrar a greve por tempo indeterminado, a partir de 06/10 (terça-feira)**.

A reposta das assembleias que aconteceram ontem em todo o país, também mostram a indignação da categoria com a proposta vergonhosa apresentada pelos bancos aos trabalhadores, que decidiram também, deflagrar a greve em todo território nacional.

A proposta da Federação Nacional dos Bancos (Fenaban) é quase metade da inflação acumulada de 9,88%, registrada no período de 1º de setembro de 2014 até 31 de agosto de 2015, pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), índice adotado como parâmetro para o dissídio coletivo da categoria.

CEE/CAIXA cobra esclarecimentos

A Comissão Executiva dos Empregados (CEE/Caixa), que assessorava a Contraf-CUT e o Comando Nacional dos Bancários, cobrou esclarecimentos da Caixa Econômica Federal quanto a um e-mail enviado aos trabalhadores com o detalhamento da proposta feita pela Fenaban, dia 25/09, na quinta rodada de negociação da Campanha Nacional de 2015. Ofício foi enviado na segunda-feira (28/09) ao gerente nacional de Informações Corporativas e Negociações Coletivas (GEING), José Isaac Arantes Freitas.

O Comando Nacional dos Bancários ainda aguarda o agendamento de uma nova negociação específica com a Caixa. Em resposta ao ofício enviado na quinta-feira 24/09, o banco informou que não seria possível realizar a reunião na sexta-feira, mas ficou de avaliar e propor uma nova data.

Banco do Brasil fala sobre diálogo, mas não marca negociação

O Banco do Brasil divulgou na terça-feira, 29/09, um Boletim Pessoal sobre a Campanha Nacional dos Bancários. O banco fala sobre o processo negocial e cita os poucos avanços até agora na mesa de negociação específica e reafirma a proposta apresentada na mesa da Fenaban.

No seu boletim, o BB também discorre sobre a importância do banco para a sociedade e a destinação do lucro e, ainda, se apresenta aberto ao diálogo e negociação, mas não marca reunião.

Dieese destaca a importância da manutenção de ganhos reais dos salários

Segundo dados apurados pelo Balanço das Negociações do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), mesmo que o Brasil tenha diminuído o ritmo do seu crescimento nos últimos anos, é possível destacar importantes motivos para a manutenção de ganhos reais dos salários, inclusive para vencer a crise.

O País deve encerrar 2015 com recuo na produção de riqueza, com o Produto Interno Bruto (PIB) inferior, em termos reais, ao de 2014. No entanto, estudos indicam que a aplicação do ganho real nos salários possibilita a ampliação do nível de rendimentos das famílias, que tem sido o pilar da melhoria da distribuição de renda no Brasil nos últimos anos. Em um cenário que a economia não cresce, se o salário não tiver ganho real, a conjugação desses fatores levará a uma redução ainda mais forte no consumo, conduzindo a economia a uma espiral negativa, puxada pela redução da demanda agregada.

Nem todos os setores estão em crise, e os impactos são muito diferenciados de setor para setor. Vários setores da economia obtiveram lucros expressivos no primeiro semestre. A expansão de lucro líquido do Sistema Financeiro em um contexto em que a economia não cresceu revela o quanto o sistema financeiro está descolado do ciclo produtivo do país e quanto a política monetária está voltada para garantir o lucro dos rentistas. Mas não é apenas o setor financeiro que, mesmo com a crise, tem apresentado ótimos resultados. Além dos bancos liderarem os ganhos, entre os setores com maior lucratividade também estão mineração (R\$ 5,09 bilhões), alimentos e bebidas (R\$ 3,25 bilhões), energia elétrica (R\$ 3,12 bilhões), telecomunicações (R\$ 2,33 bilhões), seguradoras (R\$ 1,62 bilhão), papel e celulose (R\$ 1,35 bilhão) e indústria química (R\$ 1,35 bilhão).